



**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



Urbanismo feminista: conceito agregador e decolonial a partir de análise bibliométrica dos estudos de gênero e cidades¹

Láis Rocha Leão

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR

Sessão Temática 12: Gênero, etnia e diversidade no campo e na cidade

Resumo. Este artigo realiza análise bibliométrica referente à produção acadêmica de artigos científicos que vinculam estudos de gênero e cidades no período entre 2016 e 2020, em inglês, português e espanhol, por meio de busca de palavras-chave nas plataformas Scielo e Portal de Periódicos da CAPES. Identificou-se diferenças estruturantes na produção acadêmica europeia e latino-americana, indicando demanda acadêmica crescente sobre análises críticas, decoloniais e interseccionais quanto ao desenvolvimento urbano sob perspectiva de gênero na América Latina. Há também ausência de consenso em relação aos conceitos centralizadores da área (“planejamento urbano sob perspectiva de gênero”, que demanda constante vinculação aos conceitos de “cidades” e “espaços públicos”), bem como limitação de escopo e dificuldade de utilização destes nas línguas latinas, resultando em invisibilização da produção latino-americana. Aponta-se, ao longo desta análise, a demanda pela utilização de conceito único, agregador, forte e decolonial que atue como diretriz centralizadora para o campo de estudos. Propõe-se a utilização do conceito de “urbanismo feminista”, que permite a promoção de uma nova lógica que incorpore diversidade, equidade e inclusão aos estudos urbanos de maneira intrínseca e não apenas como uma perspectiva de análise paralela, bem como garante a promoção igualitária da produção latino-americana ao campo de estudos.

Palavras-chave. Urbanismo feminista; cidade feminista; perspectiva de gênero; mulheres; bibliometria

Feminist Urbanism: aggregating and decolonial concept based on bibliometric analysis of gender and city studies

Abstract. *This article performs a bibliometric analysis on the academic production of articles connecting gender and cities in the period between 2016 and 2020, in English, Portuguese and Spanish, through a search for keywords at scientific research platforms. Structural differences were identified in European and Latin American production, indicating a growing demand for critical, decolonial and intersectional analysis of gender-based urban development in Latin America. There is also an absence of consensus on the centralizing concepts used in the field (“gender perspective urban planning”, which demands constant linkage to the concepts of “cities” and “public spaces”), as well as limitation of scope and difficulty in using these in Latin languages, resulting in the invisibility of Latin American production. The demand for the use of a aggregating, strong and decolonial concept that acts as a centralizing guideline for the field is pointed out. The use of the “feminist urbanism” concept is proposed, which would allow the promotion of a new*

¹ Apoio da Alexander von Humboldt Stiftung por meio do Programa “Bundeskanzler-Stipendium für Führungskräfte von morgen”, vinculado à Chancelaria Federal da República da Alemanha.

logic that incorporates diversity, equity and inclusion to urban studies in an intrinsic way, and not just as a perspective of analysis, as well as would guarantee the egalitarian promotion of Latin American production to the field.

Keywords: Feminist Urbanism; feminist city; gender perspective; women; bibliometrics

Urbanismo feminista: concepto agregador y decolonial a partir del análisis bibliométrico de los estudios de género y ciudad

Resumen. *Este artículo realiza análisis bibliométrico de la producción académica de artículos científicos que vinculan estudios de género y ciudades en el período entre 2016 y 2020, en inglés, portugués y español, por medio de búsqueda de palabras clave. Se identificaron diferencias estructurales en la producción académica europea y latinoamericana, lo que indica una creciente demanda académica de análisis críticos, decoloniales e interseccionales del desarrollo urbano desde una perspectiva de género en América Latina. También existe falta de consenso en relación a los conceptos centralizadores del área (“urbanismo desde una perspectiva de género”, que demanda vinculación a los conceptos de “ciudades” y “espacios públicos”), así como como limitación de alcance y dificultad de uso de estos en lenguas latinas, trayendo como consecuencia la invisibilización de la producción latinoamericana. Se nota la demanda del uso de un concepto único, agregador, fuerte y decolonial que actúe como directriz centralizadora del campo de estudios. Se propone el uso del concepto de “urbanismo feminista”, que permite promover una nueva lógica que incorpora la diversidad, equidad y inclusión a los estudios urbanos de manera intrínseca y no solo como una perspectiva de análisis paralelo, así como garantiza la promoción igualitaria de la producción latinoamericana.*

Palabras clave: Urbanismo feminista; ciudad feminista; perspectiva de género; mujeres; bibliometría

1. Introdução

Em contraposição aos modelos de desenvolvimento urbano pautados na lógica capitalista de construção de cidades, alinhados a institucionalização da propriedade privada e da luta de classes como cernes da política urbana, grupos contra-hegemônicos vêm buscando consolidar formas de contraocupação do espaço urbano a partir de suas vivências e experiências (FEDERICI, 2017). A investigação da influência das dinâmicas de desigualdade de gênero no desenvolvimento das cidades em diferentes países e sociedades vem ganhando maior protagonismo no campo dos estudos urbanos em períodos recentes, mas ainda encontrando barreiras na cunha de conceitualizações uniformes e na organização da produção científica em torno da temática. Tais estudos passam pela crítica paulatina e interseccional às dicotomias entre gêneros e espaços públicos e privados, que têm suas constituições historicamente pautadas pela concepção de uso masculina e heteronormativa dos espaços públicos. Este artigo objetiva colaborar no avanço de tais críticas e na organização do campo, por meio da análise bibliométrica da construção acadêmica atual acerca dos estudos de gênero e cidade, bem como pela proposição crítica de conceitos interseccionais e decoloniais para a área.

A divisão sexual do trabalho construída a partir de uma divisão binária de papéis de gênero, onde caberia originalmente às mulheres o trabalho reprodutivo (e não remunerado) e aos homens o trabalho produtivo (e remunerado), foi também influenciadora do estabelecimento compulsório de uma divisão sexual do espaço, cabendo às mulheres o espaço privado (mas ainda assim nunca seu), e aos homens o espaço público e coletivo, de controle e poder sociais (CHANTER, 2011; FEDERICI, 2017; WOOLF, 2014). A construção e o desenvolvimento de espaços urbanos, bem como a análise e a crítica sobre suas características essenciais, quando feitas sob uma ótica supostamente “neutra” e não interseccional de análise e atuação, tornam-se na verdade locais de potencial

conforto apenas para grupos já estruturalmente privilegiados, tidos essencialmente como linha-base, e potenciais lugares de desconforto para grupos vulnerabilizados e fragilizados, visto que suas demandas e necessidades não foram ativamente endereçadas por tal perspectiva de atuação sem foco em redução de desigualdades (AUGÉ, 1994; DUARTE, 2002; MASSEY, 1994).

Sob a ótica da necessidade de posicionamento ativo antidesigualdades, as diretrizes e metodologias adotadas pela academia e por profissionais do urbanismo na produção de soluções urbanas e de políticas públicas, bem como na análise da influência das dinâmicas de gênero na construção de espaços públicos e de mobilidade, terão papel determinante também na forma com a qual tais impactos urbanos de redução de desigualdade serão promovidos. Este artigo realiza uma breve análise bibliométrica sobre a produção acadêmica referente ao desenvolvimento de cidades sob perspectiva de gênero, propondo também a consolidação acadêmica da utilização do conceito de urbanismo feminista, a ser aprofundada a seguir, de forma a permitir fortalecimento da temática sob a égide de um conceito único, forte e decolonial, que considere a realidade e contexto latino-americano, bem como a materialidade de uma lógica interseccional nos estudos urbanos.

Observar-se-á que, atualmente, o debate em torno das temáticas de gênero e espaço urbano é tido fundamentalmente a partir da perspectiva dos ônus decorrentes da violência de gênero e possui diferenças estruturais em sua ótica a depender da região de origem da pesquisadora e da área pesquisada, evidenciando a importância de análises decoloniais e que considerem realidades diversas dentro dos estudos de gênero. Investigar a produção acadêmica contemporânea referente ao tema permite melhor entendimento sobre a construção dos conceitos fluidos atualmente utilizados para se referir às temáticas de gênero e cidade. A visualização do estado da arte e a respectiva análise bibliométrica permitem, para além da consolidação de conceitos, também a abertura de espaço para a inclusão de conhecimentos poucos explorados formalmente até então e que considerem experiências que contemplem realidades além das experiências acadêmicas.

Cabe pontuar que, atualmente os processos de seleção de produção acadêmica (tida como) relevante ainda adotam caráter pouco inclusivo de produção de conhecimento e construção científica. É possível e provável que muitas pesquisadoras e especialistas “não acadêmicas” já utilizem diversas nomenclaturas nunca mencionadas no âmbito da formalidade das instituições de pesquisa, e que foram “soterradas por um sistema de seleção de relevância que não permite a ascensão e acesso científico de grupos mais vulneráveis” (LEÃO, 2022, p.30). A própria acepção crítica da construção deste estudo parte do princípio de que a discussão urbanística foi, ao longo de décadas, produzida majoritariamente por homens, e responsável pela invisibilização da urgência da discussão das temáticas de gênero (e outras desigualdades) e cidades. Tendo essa premissa considerada, é essencial também que a perspectiva proposta não reforce outras dinâmicas de opressão e invisibilize outras demandas para além das questões de gênero.

Este estudo, ao propor a execução de análise bibliométrica da produção acadêmica neste campo, acaba por fazer uso das ferramentas de pesquisa que atualmente permitem acesso à realidade da produção científica vigente (modelo QUALIS). No entanto, cabe ressaltar que é possível que este conhecimento seja, no cotidiano prático urbano, muito mais desenvolvido e vá muito além de qualquer circunscrição da academia. Enfatiza-se, então, a demanda de

fortalecimento de mecanismos de acesso aos conhecimentos hoje tido como “informais”, para que o estado da arte da produção acadêmica futura referente às interseções entre desigualdade de gênero e cidade possa ser ampliado e aproximar-se, de fato, da realidade praticada cotidianamente por mulheres e outros grupos vulneráveis como mecanismos de resistência urbana.

O artigo consiste em levantamento e análise bibliométricos acerca da temática que vincula estudos de gênero e cidades, buscando analisar o desenvolvimento da temática nos cinco anos anteriores à pesquisa, bem como suas áreas que demandam maior aprofundamento. Desenvolve-se também em seguida uma análise crítica quanto a produções interseccionais e decoloniais, apontando o obstáculo de definição de um conceito unificador e forte que seja capaz de abordar em si tais demandas diversas, visibilizando também os estudos latino-americanos. Ao final do capítulo, faz-se uma proposição de conceito a ser adotado que cumpra tal função: o urbanismo feminista.

2. Gênero e Cidades: busca por conceito agregador e decolonial a partir de levantamento bibliométrico

As análises e críticas sobre a construção de espaços públicos a partir de uma perspectiva de gênero, ou seja, que observa as questões específicas vinculadas à identidade de gênero, em especial as questões vinculadas às dinâmicas de medo e mobilidade de mulheres, vem sendo estudadas por filólogas e teóricas feministas há muito tempo. Mary Woolstonecraft (2019), Dolores Hayden (1981), Virginia Woolf (2014), Simone de Beauvoir (2016), Silvia Federici (2017; 2019) e Lelia Gonzalez (2020), em suas diferentes épocas e contextos, endereçaram as intrincadas relações de trabalho, reprodução, espaço, controle e poder impostas às mulheres ao longo da história por meio de dinâmicas sociais patriarcais, capitalistas, racistas e misóginas. As relações díspares das mulheres com os espaços públicos e privados, vinculadas diretamente à longa ausência de direito de propriedade e a histórica quase inexistente independência financeira generificada, aprofundadas pela divisão sexual do trabalho e do espaço e ainda mais cortantes quando relacionadas a questões de disparidades raciais, de classe e territoriais, foram aos poucos sendo desvendadas por inúmeras estudiosas de diversas áreas.

O estudo das dinâmicas de gênero vinculadas à construção e planejamento de cidades como campo de estudo específico, no entanto, passou a ganhar protagonismo de fato dentro dos estudos da geografia feminista nas últimas décadas do século XX principalmente por escolas e autoras europeias, com estudos e análises relevantes encabeçados pela geógrafa britânica Gill Valentine (1989; 1993). Dentro dos estudos do planejamento urbano e do urbanismo, a temática passou a receber mais atenção a partir dos trabalhos de pesquisadoras como Inés Sánchez de Madariaga, Leslie Kern (2021), Fiona Vera-Gray (2016; 2018; 2020), Ana Falú e Zaída Muxí (2014) – as últimas protagonizando o início de discussões com foco na interseccionalidade e realidade latino-americana. Há, no entanto, ao investigar-se e analisar-se o estado da arte dos estudos de gênero e cidade, certa ausência de consenso com relação aos conceitos centralizadores da área por suas autoras. Torna-se muito difícil definir e buscar palavras-chave sucintas, unificadoras, potentes, diretas e centralizadoras para os estudos que vinculem tais dinâmicas, e, em especial, palavras estas que possam ser facilmente traduzidas do inglês para um contexto latino-americano, com opções em espanhol e em português, que sejam capazes de traduzir também as

demandas latinas e decoloniais, tornando-se este o primeiro obstáculo prático de conexão entre realidade local e academia globalizada.

Na produção da revisão bibliográfica construída para esta análise, observa-se que, quando na língua inglesa, os conceitos mais utilizados são os de “*gender perspective urban planning*” ou “*gendered urban planning*”, que acabaram também sendo espelhados para os trabalhos latino-americanos como “planejamento urbano sob perspectiva de gênero” ou “*planificación urbana desde una perspectiva de género*” – demandando, no português, o uso de seis palavras (sete, no espanhol) para transmitir ideia que, em inglês, poderia ser transmitida com o uso de apenas três. O uso do termo português e espanhol “*urbanismo*” (em inglês “*urbanism*”), parece não ser bem adotado para a língua inglesa ou não traduzir o mesmo significado, até então.

As diferenças de nomenclaturas e de possibilidade de traduções diretas, bem como o excesso de palavras para comunicar um único conceito, no entanto, acabam por invisibilizar a produção acadêmica latino-americana, silenciando também demandas locais de análise urbanística e de planejamento a partir de uma perspectiva latino-americano centrada, que trabalhe questões locais de território e raça de maneira coerente com a realidade da região. Na análise bibliométrica proposta aqui será possível também analisar a influência negativa de tal silenciamento conceitual e, a partir dela, propor um novo conceito centralizador da temática, que considere também realidades para além das dinâmicas do norte global.

De forma a executar na prática esta bibliometria, considerando a realidade complexa de diversidade conceitual que nos ainda é apresentada atualmente, foi necessário utilizar uma gama variada de conceitos e nomenclaturas que pudessem, juntos, promover um panorama realista do campo de estudo. No contexto atual, a partir de diversas tentativas de pesquisa conceitual, o conceito geral que mais aproxima-se de tal feito é “*perspectiva de gênero*” sempre condicionada à busca por “*ciudades*”, “*urbano*” e/ou “*espacio*”. Sendo assim, as palavras-chave encontradas e utilizadas para a construção desta revisão bibliográfica e bibliométrica, gerando maior precisão no campo de estudo atualmente, foram “*public space*” (espaço público), “*gender perspective*” (perspectiva de gênero), “*urban planning*” (planejamento urbano), “*gender-based violence*” (violência de gênero) e “*fear*” (medo). Conforme apontado anteriormente, é possível, no entanto, que alguns trabalhos relevantes tenham sido excluídos do processo de seleção devido à ausência do conceito unificador e decolonial mencionado e da demanda de muitos conceitos condicionados entre si. Todas as palavras-chave foram submetidas às plataformas Scielo e Portal de Periódicos da CAPES em Setembro de 2021.

Foram selecionados somente artigos revisados por pares (teses e dissertações não foram incluídas nesta análise bibliométrica), em inglês, português ou espanhol, e que tratassem de duas ou mais palavras-chave em seus títulos ou resumos. Foi estabelecida demarcação temporal de cinco anos (de 2016 a 2020) da execução da pesquisa, priorizando a realidade recente. Cabe enfatizar tal recorte temporal, visto que o campo de estudo vem se atualizando constantemente e de maneira muito fluida. Paralelamente, foi realizada busca com as palavras-chave “*ciudades feministas*” ou “*urbanismo feminista*” (e suas respectivas traduções para inglês e espanhol), que não geraram resultados pertinentes até aquele momento. Tal vazio conceitual será recuperado na seção seguinte.

Considerando as definições apresentadas, foram encontrados 28 artigos científicos. Em seguida, foi executada busca via plataforma *Mendeley* – com a adição dos artigos previamente selecionadas, a plataforma provê por meio de inteligência artificial outros artigos relacionados. Em tal busca foram encontrados 7 artigos adicionais, totalizando 35 artigos totais. Os artigos encontrados, listados por títulos, autoria, ano de publicação e país de estudo estão apresentados no Quadro 1. A coluna “país” da tabela refere-se ao país com relação ao qual o estudo foi realizado, ou seja, a territorialidade sobre a qual aquele estudo se refere. No caso de estudo sem locus de investigação, foi considerada o país de atuação das autoras e autores. A coluna “ano” refere-se ao ano em que o artigo foi publicado.

Quadro 1. Artigos selecionados em revisão sistemática (fonte: elaborado pela autora).

Título	Autoria	País	Ano
Socio-psychological Implications of Public Harassment for Women in the Capital City of Islamabad	AHMAD, N. M; AHMAD, M.M; MASOOD, R.	Paquistão	2020
Cuerpos improprios apropiando el espacio expropiado: las luchas de las mujeres trans en Tijuana	CENICEROS, M.A.	México	2020
Gender differences in a walking environment safety perception: A case study in a small town of Banská Bystrica (Slovakia)	RIŠOVÁ, K.; MADAJOVÁ M. S.	Eslováquia	2020
Contested gendered space: public sexual harassment and women’s safety work	VERA-GRAY, F; KELLY, L.	Reino Unido	2020
A review on the influence of barriers on gender equality to access the city: A synthesis approach of Mexico City and its Metropolitan Area	MEJÍA-DORANTES, L.; VILLAGRÁN, P. S.	México	2020
Transforming mobility justice: Gendered harassment and violence on transit	LUBITOW, A.; ABELSON, M. J.; CARPENTER, E.	EUA	2020
Rhythms, sociabilities and transience of sexual harassment in transport: mobilities perspectives of the London underground	LEWIS, S.; SAUKKO, P.; LUMSDEN, K.	Reino Unido	2020
From feminist critique to gender mainstreaming — and back? The case of German urban planning	HUNING, S.	Alemanha	2019
Estudos Feministas sobre a Questão Urbana: Abordagens e Críticas	FREITAS, C. A. O.	Brasil	2019
Androcentrismo y espacio público: análisis exploratorio sobre la subrepresentación femenina en la nomenclatura urbana de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires	CAVALO, L. E.	Argentina	2019
Dutch-Moroccan Girls Navigating Public Space: Wandering as an Everyday Spatial Practice	WIJNTUIN, P.; KOSTER, M.	Holanda	2019
La configuración y las consecuencias del miedo en el espacio público desde la perspectiva de género	RODÓ-DE-ZARATE, M.; CASTANY, J. E.; EIZAGIRRE, N.	Espanha	2019
Women’s Safety and Public Spaces: Lessons from the Sabarmati Riverfront, India	MAHADEVIA, D.; LATHIA, S.	Índia	2019
Interacción, construcción del espacio social y sexualidad en el Metro de la Ciudad de México	SÁNCHEZ, A. F.	México	2019

Everyday self-defence: Hollaback narratives, habitus and resisting street harassment	FLEETWOOD, J.	Reino Unido	2019
Corpografías divergentes: las ciudades deseadas y las prohibidas en las experiencias travestis (Brasil)	NASCIMENTO, S. S.	Brasil	2019
Naming the Unspeakable Harm of Street Harassment: A Survey-Based Examination of Disclosure Practices	FILEBORN, B.	Austrália	2019
La inseguridad en el transporte público del Área Metropolitana de Buenos Aires. Experiencias y percepciones de mujeres y varones	PEREYRA, L. P.; GUTIÉRREZ, A.; NEROME, M. M.	Argentina	2018
HÁBITAT/ GÉNERO/ INCLUSIÓN: Reflexiones sobre la(s) desigualdad(es) y los desafíos de la agenda urbana	CZYTAJLO, N.	Argentina	2018
How Narratives of Fear Shape Girls' Participation in Community Life in Two Conflict-Affected Populations	SOMMER, M. et al	Etiópia/ Congo	2018
Gender, Fear, and Public Places: How Negative Encounters with Strangers Harm Women	BASTOMSKI, S.; SMITH, P.	Austrália	2017
Engendering urban planning in different contexts – successes, constraints and consequences	HORELLI, L.	Finlândia	2017
Violencia de género y ciudad: cartografías feministas del temor y el miedo	JIMÉNEZ, J. T.; SIERRA, M. O.	Colômbia	2017
Women's behaviour in public spaces and the influence of privacy as a cultural value: The case of Nablus, Palestine	AL-BISHAWI, M.; GHADBAN, S.; JØRGENSEN, K.	Palestina	2017
Recomendaciones para la incorporación de la perspectiva de género en el planeamiento urbano	ÁLVAREZ ISIDRO, E. V.; GÓMEZ ALFONSO, C. J.	Espanha	2017
How can spatial design promote inclusivity, gender equality and overall sustainability in Costa Rica's urban mobility system	UMAÑA-BARRIOS, N.; GIL, A. S.	Costa Rica	2017
Acoso sexual en lugares públicos de Quito: retos para una "ciudad segura"	ALFONSO, L. M.; DEL POZO, N. Q.; INGLESIAS, G. R.	Equador	2016
Where is women's right to the night in the New Urban Agenda? The need to include an intersectional gender perspective in planning the night	ESCALANTE, S. O.	Itália	2016
Repensar el hábitat urbano desde una perspectiva de género. Debates, agendas y desafíos	VILLAGRÁN, P. S.	México	2016
Mujer, espacio y poder: ciudad y transporte público como dispositivos de exclusión. Reflexiones desde la ciudad de Cali.	CRISTANCHO, M. V. C.; IBARRA, L. F. B.	Colômbia	2016
Men's stranger intrusions: Rethinking street harassment	VERA-GRAY, F.	Reino Unido	2016
The trouble with safety: Fear of crime, pollution and subjectification in public space	FANGHANEL, A.	Reino Unido	2016
Feminist struggle over urban safety and the politics of space	LISTERBORN, C.	Suécia	2016
The discursive uses of Jane Jacobs for the genderfying city: Understanding the productions of space for post-Fordist gender notions	VAN DER BERG, M.	Holanda	2016

Observando os artigos selecionados a partir da metodologia apresentada, questões referentes aos locais de produção científica, anos de maior produção e foco dos estudos chamaram atenção. Observa-se que a produção não é constante ou crescente ao longo dos anos estudados, apresentando alta em determinados anos (2016 e 2019) e baixas nos anos seguintes a estes – com atenção especial a 2018, com somente 3 artigos publicados na temática, de acordo com os critérios estabelecidos (Figura 1). Cabe apontar também que, dos três artigos publicados no ano de 2018, dois foram produzidos na Argentina, apontando um certo “apagão” de estudos que resultem em artigos científicos em outras partes do mundo, a princípio.

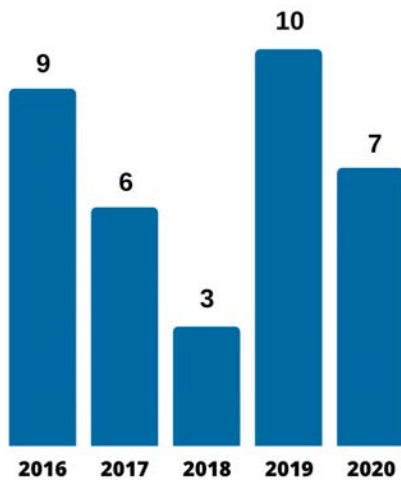


Figura 1. Produção científica de artigos referentes a “planejamento urbano sob perspectiva de gênero” por ano de produção – de 2016 a 2020 (fonte: elaborada pela autora).

Duas autoras apareceram com mais de uma publicação na temática neste período – Fiona Vera-Gray (2016; 2020) e Paula Soto Villagrán (2016; 2020), ambas em produções conjuntas com outras autoras no ano de 2020. A primeira, britânica, aborda questões vinculadas à assédio e medo no espaço público a quais mulheres são cotidianamente submetidas a partir de uma perspectiva filosófica. É autora do livro *“The right amount of panic: How women trade freedom for safety”* (VERA-GRAY, 2018), que aborda o trabalho por segurança executado involuntariamente por mulheres em seus cotidianos. A segunda, geógrafa chilena produzindo academicamente no México, passa a abordar as questões latino-americanas com maior profundidade. Aponta com certa constância em seus estudos que há muito trabalho a ser desenvolvido na América Latina em termos de investigação das camadas de raça, etnia, classe, idade, sexualidade e território. Villagrán possui também outros artigos relevantes que abordam a temática de gênero e cidades, no campo da geografia, mas que, devido à falta de centralização dos conceitos, conforme previamente mencionado, não foram selecionados nos filtros das palavras-chave. Em 2018, Villagrán publica o artigo *“Hacia la construcción de unas geografías de género de la ciudad. Formas plurales de habitar y significar los espacios urbanos en Latinoamérica”* na mexicana Revista Perspectiva Geográfica, por exemplo. Observa-se a partir

deste exemplo que é possível que o identificado “apagão” do ano de 2018 não seja necessariamente uma ausência de produção científica, mas sim um sintoma da dificuldade de cunha de um conceito único sobre a temática, que acaba por invisibilizar trabalhos latino-americanos.

Dos 35 artigos, 15 foram conduzidos no continente europeu, com destaque especial ao Reino Unido com 5 artigos, além de produções de Espanha e Holanda (2 artigos cada) e Suécia, Itália, Alemanha e Eslováquia (1 cada). Paralelamente, 13 estudos foram realizados na América Latina – quatro mexicanos, três argentinos, dois colombianos, dois brasileiros, um equatoriano e também um costa-riquenho. Para as demais regiões, foram encontrados quatro artigos asiáticos (Paquistão, Palestina, Índia e Turquia), um africano (Etiópia/Congo), dois advindos da Austrália e um dos Estados Unidos (Figura 2).

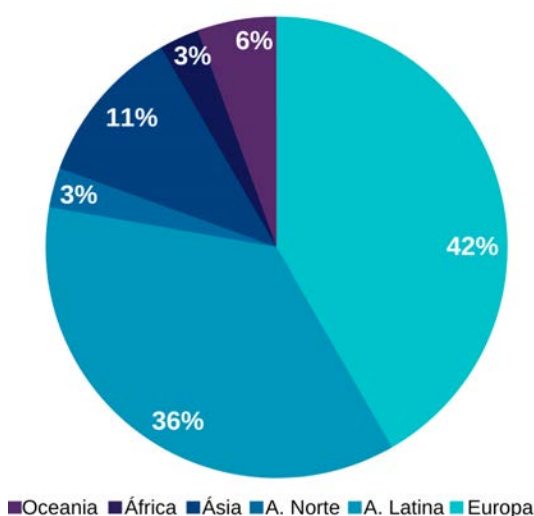


Figura 2. Produção científica de artigos referentes a “planejamento urbano sob perspectiva de gênero” por distribuição territorial em continentes (fonte: elaborada pela autora).

Observar os países onde a produção científica sobre a temática se concentra, considerando que o critério de identificação destes foi a territorialidade da investigação e, quando este não é o objeto de estudo, o país de atuação das pesquisadoras e pesquisadores, nos fornece muitas possibilidades de compreensão do cenário de pesquisa atual acerca das questões de gênero e cidade. Os estudos tiveram início com maior pujança na Europa, onde discutiam-se, a princípio, as estratégias de planejamento urbano vinculadas às temáticas femininas nas décadas de 70 e 80, com estudos de caso interessantes vindos de Viena e Barcelona. Huning (2019) cita a entrada das temáticas de gênero dentro do que ela chama de “urbanismo padrão” na Alemanha, sendo adotada a perspectiva de gênero vinculada ao planejamento urbano como algo transversal e constante no planejamento, incorporado ao “checklist” dos urbanistas locais. Apesar de teoricamente incorporada transversalmente, a autora avalia que a temática não gera tantos impactos quanto poderia se apenas incorporada de maneira burocrática, mas que demanda na verdade pensamento crítico constante por parte dos profissionais do urbanismo para que consigam de fato incorporar mudanças, e não apenas seguir regras e manuais. Outras autoras como Álvarez Isidro e Gómez Alfonso (2017), na Espanha, e Van Der Berg (2016), na Holanda, também seguem nesta linha de crítica, trazendo

recomendações de como tal perspectiva deve ser adotada pelos profissionais do urbanismo.

Fica evidente que as autoras europeias passaram a dispender foco mais recentemente em áreas pouco exploradas dentro dos estudos de gênero europeus e que enfocam mais profundamente na análise crítica de resultados e realidades atuais. Reforçam a importância de ir além da simples coleta de dados de medo e insegurança de mulheres e da comprovação de que há mais insegurança por parte do público feminino em relação a cidade (considerando que essa premissa já estaria aceita universalmente na academia), buscando consolidar ideias e conceitos que fortaleçam o debate de forma a garantir que este seja político e crítico em relação aos modelos de construção urbana e táticas de resistência de uso dos espaços urbanos e públicos. No entanto, ainda há pouca preocupação nos estudos europeus com recortes e vieses interseccionais ao gênero – quando estes existem, há foco apenas nas questões etárias, de maternidade e eventualmente de etnias/religiões, muitas vezes ignorando dinâmicas de raça e sexualidade.

Na realidade latino-americana, por outro lado, os estudos que associam gênero e cidade ainda são profundamente relacionados à produção de dados de medo e mobilidade, profundidade do impacto das desigualdades de gênero nas dinâmicas urbanas e ao entendimento dos padrões de insegurança para mulheres nas cidades. Os trabalhos na América Latina também passam a trazer transversalmente, mesmo que ainda de maneira tímida, estudos interseccionais ao gênero, que endereçam raça, etnia, território e sexualidade, a partir também de perspectivas que enderecem crítica decolonial aos modelos atuais de construção urbana, perspectivas estas muitas vezes ostracizadas pelas pesquisadoras baseadas no norte global. “Os estudos concentram-se atualmente, em maioria, nas análises de estudos de casos locais e de pesquisas quali-quantitativas que possam colaborar com a construção e desenho do cenário atual do problema” na América Latina (LEÃO, 2022).

Algumas pesquisadoras dedicam-se a estudar a realidade de grupos específicos de mulheres, dando profundidade a estes recortes interseccionais mencionados anteriormente. Três artigos (sendo dois da América Latina – México e Brasil, e um dos Estados Unidos) dedicam-se a analisar as dinâmicas de limitação de acesso à cidade e oportunidades de mulheres trans e travestis (CENICEROS, 2020; NASCIMENTO, 2019; LUBITOW et al., 2020) e três artigos (vindos da Suécia, Palestina e Holanda) analisam tais dinâmicas e limitações da perspectiva de mulheres muçulmanas (WIJNTUIN, KOSTER, 2019; AL-BISHAWI et al., 2017; LISTERBORN, 2016). Quando o recorte são questões relacionadas a idade, quatro artigos aprofundam-se na temática, sendo estes vindos de Eslováquia, Holanda, Espanha e Etiópia/Congo (RIŠOVÁ, MADAJOVÁ, 2020; WIJNTUIN, KOSTER, 2019; RODÓ-DE-ZARATE, CASTANY, EIZAGIRRE, 2019; SOMMER *et al*, 2018).

Quando da análise temática do conjunto de artigos analisados, observa-se que há grande concentração de estudos nas áreas de limitações de mobilidade (11 artigos) e de percepção de insegurança nos espaços públicos (10 artigos). Dos 35 artigos analisados, seis abordam as táticas de segurança empregadas por mulheres ao utilizar espaços públicos e quatro focam-se na sensação de pertencimento provida pela cidade. Certas temáticas são estudadas pontualmente por autoras específicas, como a questão das nomenclaturas urbanas analisadas por Cavallo (2019), enquanto outras se interseccionam entre

si nos mesmos estudos, abordando temáticas de mobilidade e segurança em um mesmo artigo, por exemplo.

Ao observar-se os vazios de pesquisa no contexto do campo dos estudos de gênero e cidades, em especial a partir do recorte latino-americano, é possível perceber que há espaço para expansão da discussão sobre a crítica ao modelo urbanístico-social implantado atualmente. As pesquisas presentes ainda dispõem maior atenção à produção de dados e análises de realidades e estudos de caso, mas apenas tateiam as dinâmicas críticas à produção urbana, que são profundamente impactadas por diferentes questões promotoras de desigualdades. Conforme apontado anteriormente, a pesquisa na região já desponta como promotora de discussões relevantes sobre interseccionalidade, racismo e colonialismos, mas ainda há um grande escopo a ser desbravado. Ainda é, sem dúvidas, necessária a produção de materiais e guias para a implantação tácita de uma lógica feminista sobre a produção urbana, mas tal produção acadêmica requer, em termos de demandas de conhecimentos atuais e vazios que ainda não estão sendo preenchidos, fortalecimento do viés profundamente crítico, interseccional, local e, em especial, decolonial, evitando a produção de um “urbanismo cotidiano” que apenas cumpra requisitos mas não mude realidades, como apontado como consequência de passos pouco críticos pelas autoras europeias.

“É necessário que haja intenção consciente de investigação de tais camadas de desigualdades, e abertura de novos caminhos para que mais recortes e novas dinâmicas sejam agregadas aos estudos da relação entre as dinâmicas de gênero e cidades, notadamente fluidos e em mudanças constantes” (LEÃO, 2022, p. 36).

De forma a aprofundar-se na questão de produção acadêmica e no fortalecimento do campo de estudos, observou-se a questão dos conceitos descentralizados abordada anteriormente. Dezoito dos trinta e cinco artigos (metade da amostra coletada) não fazem uso de nenhum conceito específico e/ou unificador de tratamento das questões de gênero e cidade, enquanto outros 15 artigos fazem uso dos conceitos de “perspectiva de gênero” ou “*gendered perspective*”, condicionados a conceitos adicionais de “urbanismo” ou “planejamento urbano”. Sete dos artigos, apesar de não utilizarem o conceito em seus títulos e resumos, já utilizam “urbanismo feminista” ou “planejamento urbano feminista” em seus corpos textuais. Tais artigos foram produzidos em anos mais recentes e já adotam tom crítico aos processos de construção e desenvolvimento urbanos não-inclusivos, trazendo também recortes interseccionais e, em alguns casos, perspectivas latino-americanas. Tal movimentação dá pistas positivas com relação à proposição que faremos a seguir.

2.1 Urbanismo feminista: novo conceito a partir de lógica decolonial

Conforme apontado nas análises dispostas anteriormente, há hoje um vazio conceitual na pauta que relaciona gênero e cidades no sentido de proporcionar uma unidade à temática a partir de um conceito único, forte e que carregue em si a possibilidade de discussões decoloniais e interseccionais, bem como a viabilização de maior atenção à pauta dentro do contexto latino-americano. Os conceitos previamente apresentados e utilizados como palavras-chave para a busca por estudos relacionados demandam construções textuais muito longas e que se mostram fundamentalmente centradas a partir da lógica da língua inglesa. Desta forma, fica evidente que, para garantir fortalecimento do tema a partir de

lógicas interseccionais, e também promover maior robustez ao conjunto de estudos temáticos de gênero e cidades, bem como dar visibilidade às discussões latino-americanas, é essencial o estabelecimento de um conceito único e unificador, que promova todas estas questões de forma sucinta e eficiente.

Algumas autoras sugerem ao longo de seus trabalhos o conceito de “urbanismo feminista” (mesma nomenclatura em espanhol). Não é possível afirmar a partir deste estudo específico o momento exato no qual o conceito foi criado, mas algumas pesquisadoras relevantes da área, como Ana Falú, Leslie Kern e Fiona Vera-Gray, já fazem uso do conceito com robustez em seus trabalhos. O termo “urbanismo feminista” passou a ser mais publicizado a partir do trabalho de divulgação do Coletivo *Col-lectiu Punt 6*, juntamente a urbanista argentino-catalã Zaida Muxí. A partir de seus estudos, as urbanistas do coletivo propõem que o urbanismo feminista deseja “colocar as pessoas ao centro das decisões urbanas” (COL-LECTIU PUNT 6, 2016), sendo estas abarcadas nas mais diversas identidades, com suas vivências incorporadas às decisões urbanas, construindo espaços que fortaleçam dinâmicas comunitárias e que sejam ativamente promotores da inclusão. Tal conceito difere-se do urbanismo “somente” sob perspectiva de gênero pois incorpora as dinâmicas de gênero como parte intrínseca e essencial do desenvolvimento urbano, não apenas como uma perspectiva a ser analisada paralelamente. Tal conceito propõe que os debates referentes à inclusão e diversidade, não somente de gênero, mas também associando este a outros recortes identitários, sejam transversais à pauta urbana, em contraponto ao cenário atual no qual tais demandas são constantemente apresentadas como perspectivas adicionais ou paralelas. O urbanismo feminista passa a colocar a pauta da diversidade no cerne de qualquer discussão urbana.

De maneira prática, além da possibilidade de inclusão de uma nova lógica sobre a temática da construção de cidades que de fato enderecem as demandas de pessoas diversas, tal conceito também permite melhor adesão às línguas latinas, que já fazem uso do conceito base de “urbanismo”. Quando transcrito ao inglês (“*feminist urbanism*”), o termo contém o mesmo significado, permitindo sua incorporação de forma simples, sendo possível também utilizar o conceito de “*feminist city*” (cidade feminista), garantindo, se for o caso, somente a necessidade de adição de uma palavra (“*city*”), que já é invariavelmente relacionada à temática. A utilização de conceito único permite promoção de maior diversidade na produção acadêmica, uma vez que garante mais visibilidade aos trabalhos desenvolvidos, permitindo também consolidação mais robusta da área acadêmica e temática em torno de ideias que somem umas às outras, permitindo também às próprias pesquisadoras melhor acesso aos estudos conduzidos por colegas. O uso do conceito único também permite melhor conexão à produções fora da academia, aumentando fundamentalmente o escopo da área de estudo.

3. Conclusões

A ciência, em amplo âmbito, é construída diariamente por diferentes (apesar de ainda pouco diversas) mãos. O uso de métodos e metodologias específicos permitem que esta construção científica seja feita de maneira lógica. Ao investigar um campo científico relativamente novo, como é o caso dos estudos das relações entre gênero e cidade, que iniciaram timidamente nas décadas de 70 e 80 na Europa, mas que passaram a tomar mais corpo na América Latina apenas na última década, é imperativo compreender como estes estudos se

desenvolveram e quais seriam os melhores caminhos a serem trilhados por suas pesquisadoras e pesquisadores. Além de observar e analisar o que foi feito e os potenciais futuros, é essencial que haja certa unidade na produção científica, principalmente quando se trata da necessidade de comunicar-se em uníssono visando maior produção de impacto científico, acadêmico e, conseqüentemente, social.

Conforme analisado a partir de estudo bibliográfico ao longo deste texto, é possível observar, no que tange os estudos que vinculam as matérias de gênero e cidades, certa ausência de consenso com relação à conceitos que centralizam os estudos da temática. Pode-se observar, na produção científica presente, a dificuldade em apontar (e, conseqüentemente, por parte de novas pesquisadoras, também de fazer uso em busca) palavras-chave sucintas, agregadoras, diretas e potentes que sejam capazes de vincular tais dinâmicas. Estes obstáculos se impõem ainda mais impactantes no contexto latino-americano. Se apresenta também como dificuldade especial a tradução de certos conceitos do inglês para línguas latinas (português e espanhol), que muitas vezes demandam o uso de até o dobro de palavras-chave e/ou conceitos, dificultando o processo de busca pelo conhecimento já produzido e catalogado. As diferenças de nomenclaturas entre línguas e também a limitação do escopo dos conceitos utilizados mais largamente atualmente (“planejamento urbano sob perspectiva de gênero” ou “perspectiva de gênero” associada à “cidades”, “urbano” e/ou “espaço”) têm contribuído para promover uma invisibilização da produção acadêmica latino-americana, silenciando demandas locais, decoloniais e interseccionais de construção acadêmica.

De forma geral, as informações coletadas apontaram que a busca pela produção acadêmica acerca da temática ainda é confusa e passível de influência de “apagões” de estudos pela falta de um conceito único que viabilize buscas mais seguras. Há autoras que vêm despontando na área como grandes referências, em sua maioria ainda concentradas nos estudos europeus e a partir de uma ótica de crítica ao modelo de urbanismo tradicional. No entanto, a área ainda patina em análises interseccionais e que sejam capazes de olhar para além da realidade europeia. Assim, foi possível também observar diferenças claras entre os focos dos estudos de acordo com a região em que o estudo foi realizado, tendo os estudos latino-americanos já demonstrado maior foco em discussões locais, decoloniais e que abordem a interseccionalidade como mecanismo transversal de atuação, trazendo vivências diversificadas para os debates urbanos. Apesar de esta tendência latino-americana existir, ainda se mostra tímida em termos de produção se observada comparativamente à extensão da demanda de análises de desigualdades que a região impõe. Há ainda grande vazio acadêmico que permite a produção de conhecimento no campo regional.

Ao analisar, por meio de análise bibliométrica, a produção vigente referente ao campo de estudos de gênero e cidades, é possível observar que há a tentativa, por parte de algumas autoras, de fazer uso mais incisivo dos conceitos de “urbanismo feminista” ou até “cidade feminista”, quando haja situação em que o termo “urbanismo” não seja bem enquadrado. De forma a fomentar o fortalecimento de um conceito único, forte e agregador que atue como diretriz para a construção do conhecimento na área, bem como promover visibilidade para a produção acadêmica latino-americana, a partir de perspectivas decoloniais e interseccionais, aponta-se a importância da valorização e cunha do uso do conceito de “urbanismo feminista” (termo idêntico tanto para o português, quanto para o espanhol, e “*feminist urbanism*” no inglês) como linha

direcional do campo de estudos aqui analisado. Tal conceito permite o desenvolvimento de um novo modelo estruturante dos estudos urbanos, que incorpora as dinâmicas de equidade, diversidade e inclusão (que vão inclusive além das dinâmicas de gênero) aos modelos de planejamento e gestão de cidades, deixando de ser somente uma perspectiva externa ou paralela, mas sim uma parte integrante e essencial da construção e do desenvolvimento urbanos.

Espera-se que esta cunha e definições possam colaborar no fortalecimento da maturidade do campo de estudos, e que a utilização de conceitos uníssonos permita o alcance não somente os pontos acima mencionados, mas também o desenvolvimento e maturação de novos estudos a serem realizados a partir das conclusões aqui expostas. A partir da cunha de conceito forte e agregador como “*urbanismo feminista*” se propõe, espera-se ser possível fomentar a produção de conhecimento científico e de pesquisas futuras ainda mais robustos e impactantes.

4. Referências

AHMAD, N. M; AHMAD, M.M; MASOOD, R. *Socio-psychological Implications of Public Harassment for Women in the Capital City of Islamabad*. **Indian Journal of Gender Studies**, Índia, v. 27, n. 1, p. 77-110, 2020.

AL-BISHAWI *et al.* *Women’s behaviour in public spaces and the influence of privacy as a cultural value: The case of Nablus, Palestine*. **Urban Studies**, Reino Unido, v.54, n. 7, p. 1559-1577, 2017.

ALFONSO, L. M.; DEL POZO, N. Q.; INGLESIAS, G. R. *Acoso sexual en lugares públicos de Quito: retos para una “ciudad segura”*. **URVIO - Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad**, Quito, n. 19, p. 21-36, 2016.

ÁLVAREZ ISIDRO, E. V.; GÓMEZ ALFONSO, C. J. *Recomendaciones para la incorporación de la perspectiva de género en el planeamiento urbano*. **Ciencia, Técnica y Mainstreaming Social**, Valência, v. 1, n. 1, p. 29-38, 2017.

AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BASTOMSKI, S.; SMITH, P. *Gender, Fear, and Public Places: How Negative Encounters with Strangers Harm Women*. **Sex Roles**, Nova York, v. 76, n.1, p. 73-88, 2016

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CAVALO, L. E. *Androcentrismo y espacio público: análisis exploratorio sobre la subrepresentación femenina en la nomenclatura urbana de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires*. **Feminismols**, n. 33, p. 249-271, 2019.

CENICEROS, M. A. *Cuerpos improprios apropiando el espacio expropiado: las luchas de las mujeres trans en Tijuana*. **Polis**, Santiago, v. 19, n. 55, p. 112-138, 2020.

CHANTER, T. **Gênero: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRISTANCHO, M. V. C.; IBARRA, L. F. B. *Mujer, espacio y poder: ciudad y transporte público como dispositivos de exclusión. Reflexiones desde la ciudad de Cali*. **Estudios Socio-Jurídicos**, Bogotá, v. 18, n. 2, p. 229-254, 2016.

COL-LECTIU PUNT 6. *¿Qué es el urbanismo feminista?*. 2016. 7 min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dI4TOCPMMBA&t=398s>>. Acesso em: 19 jul. 2021

COL-LECTIU PUNT 6. *Urbanismo feminista. Por una transformación radical de los espacios de vida*. Barcelona: Virus Editorial i Distribüidora, 2019.

CZYTAJLO, N. *HÁBITAT/ GÉNERO/ INCLUSIÓN: Reflexiones sobre la(s) desigualdad(es) y los desafíos de la agenda urbana*. *La Aljaba*, v. 22, n. 1, p. 157-180, 2018.

DUARTE, F. *Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ESCALANTE, S. O. *Where is women's right to the night in the New Urban Agenda? The need to include an intersectional gender perspective in planning the night*. *Territory of Research on Settlements and Environment*, v. 16, n.1, p. 165-180, 2016.

FANGHANEL, A. *The trouble with safety: Fear of crime, pollution and subjectification in public space*. *Theoretical Criminology*, Londres, v. 20, n.1, p. 57-74, 2016.

FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FILEBORN, B. *Naming the Unspeakable Harm of Street Harassment: A Survey-Based Examination of Disclosure Practices*. *Violence Against Women*, Nova York, v. 25, n. 2, p. 223-248, 2019.

FLEETWOOD, J. *Everyday self-defence: Hollaback narratives, habitus and resisting street harassment*. *The British Journal of Sociology*, Londres, v. 0, n.0, p. 1-21, 2019.

FREITAS, C. A. O. *Estudos Feministas sobre a Questão Urbana: Abordagens e Críticas*. *Anais XVIII ENANPUR 2019*, Natal, p. 90-109, 2019.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S. A., 2020.

HAYDEN, D. *The Grand Domestic Revolution*. Boston: The Massachusetts Institute of Technology, 1981.

HORELLI, L. *Engendering urban planning in different contexts – successes, constraints and consequences*. *European Planning Studies*, Londres, v. 25, n. 10, p. 1779-1796, 2017.

HUNING, S. *From feminist critique to gender mainstreaming — and back? The case of German urban planning*. *Gender, Place and Culture*, Londres, v. 27, n. 7, p. 944-964, 2019.

JIMÉNEZ, J. T.; SIERRA, M. O. *Violencia de género y ciudad: cartografías feministas del temor y el miedo*. *Sociedad y Economía*, v. 32, p. 65-84, 2017.

KELLY, L. *Surviving Sexual Violence*. Oxford: Policy Press, 1988.

KERN, L. *Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LEÃO, L.R. “**Somos tudo meio neurótica**”: **Emprego de táticas de autoproteção como mecanismos de resistência urbana nas decisões femininas de mobilidade**. 2022. 175 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022.

LEWIS, S.; SAUKKO, P.; LUMSDEN, K. *Rhythms, sociabilities and transience of sexual harassment in transport: mobilities perspectives of the London underground*. **Gender, Place & Culture**, Londres, p. 277-298, 2020.

LISTERBORN, C. *Feminist struggle over urban safety and the politics of space*. **European Journal of Women's Studies**, Londres, v. 23, n. 3, p. 251-264, 2016.

LUBITOW, A. et al. *Transforming mobility justice: Gendered harassment and violence on transit*. **Journal of Transport Geography**, v. 82, p. 102601, 2020.

MAHADEVIA, D.; LATHIA, S. *Women's Safety and Public Spaces: Lessons from the Sabarmati Riverfront, India*. **Urban Planning**, v. 4, n. 2, p. 154-168, 2019.

MASSEY, D. **Space, Place and Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MEJÍA-DORANTES, L.; VILLAGRÁN, P. S. *A review on the influence of barriers on gender equality to access the city: A synthesis approach of Mexico City and its Metropolitan Area*. **Cities journal**, v. 96, p. 102439, 2020.

MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e Política: Ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

NASCIMENTO, S. S. *Corpografías divergentes: las ciudades deseadas y las prohibidas en las experiencias travestis (Brasil)*. **Revista Colombiana de Antropología**, Bogotá, v. 55, n. 2, p. 93-116, 2019.

PEREYRA, L. P.; GUTIÉRREZ, A.; NEROME, M. M. *La inseguridad en el transporte público del Área Metropolitana de Buenos Aires. Experiencias y percepciones de mujeres y varones*. **Territorios**, Bogotá, v. 39, n. 1, p. 71-95, 2018.

RIŠOVÁ, K.; MADAJOVÁ M. S. *Gender differences in a walking environment safety perception: A case study in a small town of Banská Bystrica (Slovakia)*. **Journal of Transport Geography**, v. 85, p. 102723, 2020.

RODÓ-DE-ZARATE, M.; CASTANY, J. E.; EIZAGIRRE, N. *La configuración y las consecuencias del miedo en el espacio público desde la perspectiva de género*. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, v. 167, p. 89-106, 2019.

SÁNCHEZ, A. F. *Interacción, construcción del espacio social y sexualidad en el Metro de la Ciudad de México*. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 524-545, 2019.

SOMMER, M. et al. *How Narratives of Fear Shape Girls' Participation in Community Life in Two Conflict-Affected Populations*. **Violence Against Women**, Nova York, v. 24, n. 5, p. 565-585, 2018.

TANDOGAN, O.; ILHAN, B. S. *Fear of Crime in Public Spaces: From the View of Women Living in Cities*. **Procedia Engineering**, v. 161, p. 2011-2018, 2016.

UMAÑA-BARRIOS, N.; GIL, A. S. *How can spatial design promote inclusivity, gender equality and overall sustainability in Costa Rica's urban mobility system*. **Procedia Engineering**, v. 198, p. 1018-1035, 2017.

VALENTINE, G. *The geography of woman's fear*. **Area**. The Royal Geographical Society. Vol 21.4, 1989, p. 385 – 390.

VALENTINE, G. *(Hetero) sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces*. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 11, p. 395-413, 1993.

VERA-GRAY, F. *Men's stranger intrusions: Rethinking street harassment*. **Women's Studies International Forum**, v. 58, p. 9-17, 2016a.

VERA-GRAY, F. *Men's Intrusion, Women's Embodiment: A Critical Analysis of Street Harassment*. Londres, Routledge, 2016b.

VERA-GRAY, F. *The right amount of panic: how women trade freedom for safety*. Bristol, Policy Press, 2018.

VERA-GRAY, F.; KELLY, L. *Contested gendered space: public sexual harassment and women's safety work*. **International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice**, p. 1-11, 2020.

VILLAGRÁN, P. S. Hacia la construcción de unas geografías de género de la ciudad. Formas plurales de habitar y significar los espacios urbanos en Latinoamérica. **Perspectiva Geográfica**, v. 23, n. 2, p. 13-31, 2018.

VILLAGRÁN, P. S. *Repensar el hábitat urbano desde una perspectiva de género*. *Debates, agendas y desafíos*. **Andamios**, v. 13, n. 32, p. 27-56, 2016.

WIJNTUIN, P.; KOSTER, M. *Dutch-Moroccan Girls Navigating Public Space: Wandering as an Everyday Spatial Practice*. **Space and Culture**, Nova York, v. 22, n. 3, p. 280-293, 2019.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLLSTONECRAFT, M. **The Feminist Papers: A Vindication of the Rights of Women**. Layton: Gibbs Smith, 2019.